
MISSÕES
300 ANOS

AVISÃO
DO ARTISTA

Missões 300 anos

A Visão do Artista

Esta exposição, "A Visão do Artista", insere-se nas comemorações oficiais dos 300 anos de criação das Missões Jesuíticas do Rio Grande do Sul. Duas outras efemérides estão sendo igualmente comemoradas: os cinquenta anos de criação do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que justamente desenvolveu em São Miguel o primeiro projeto de proteção de nossa memória cultural, e o quarto aniversário, que transcorre em 6 de dezembro, da concessão, pela UNESCO, do título de "Patrimônio da Humanidade" às ruínas de São Miguel.

As missões ou reduções foram trinta, distribuídas entre o Brasil, a Argentina e o Paraguai. Sete delas localizadas no Rio Grande do Sul: São Borja, São Nicolau, São Luís Gonzaga, São Miguel Arcanjo, São Lourenço, São João Batista e Santo Ângelo. O termo redução vem do latim *reducere*, que significa conduzir. Os padres jesuítas, para protegê-los dos bandeirantes escravagistas, reuniram os índios em aldeias, conduzindo-os à fé católica. Em cada redução viviam de três a sete mil índios e todos tinham a garantia de casa, comida e trabalho, praticando uma agricultura coletiva que lhes permitia exportar seus excedentes de erva-mate. Em cada redução existia apenas uma igreja, geralmente de três naves, que podia abrigar até três mil pessoas em dias de festa e aos domingos. O desaparecimento das Missões teve início em 1750, com a assinatura do Tratado de Madrid, entre Portugal e Espanha, que implicou a troca da Colônia de Sacramento pelos Sete Povos, levando à chamada guerra guaranítica e à expulsão dos jesuítas do Brasil, em 1759.

As inúmeras interpretações sobre o verdadeiro significado das Missões pecam, às vezes, por um certo maniqueísmo ideológico. Ora são defendidas como uma forma de comunismo primitivo, ora como uma forma de teocracia. Também o acervo artístico missionário provoca polêmicas. Enquanto alguns estudiosos destacam a pobreza desse legado, outros localizam nas imagens esculpidas "uma tal ou qual *facies* indígenas".

Apesar de reunir algum material de caráter documental — imagens missionárias, pedra lavrada empregada na construção da Igreja de São Miguel, fragmentos de cerâmica guarani, mapas, fotos e textos —, esta mostra não tem uma intenção puramente informativa ou didática. Sua proposta principal foi realizar uma tarefa de recriação artística a partir de uma reflexão sobre um momento significativo de nossa História. Para isso, foram convidados nove artistas brasileiros que, após permanecerem uma semana na região missionária, recriaram em seus ateliês e laboratórios o impacto das ruínas de São Miguel. Os artistas convidados foram os seguintes: Vera Chaves Barcellos e Luiz Carlos Felizardo, de Porto Alegre, Rafael França, Moisés Baumstein e Ester Grinspum, de São Paulo, Cildo Meireles, Rubem Grilo, Daniel Senise e Maurício Bentes, do Rio de Janeiro. Além desses artistas, todos com ótimo currículo nacional e internacional, foram incluídos dois outros nomes expressivos da arte latino-americana, o argentino Jacques Bedel, vinculado ao Centro de Arte y Comunicación, de Buenos Aires, e Lívio Abramo, pioneiro da moderna gravura brasileira, e desde 1962 residindo em Assunção, Paraguai.

Para Frederico Moraes, curador da mostra, "o que primeiro passa nos trabalhos aqui expostos é uma presença forte, por vezes arrebatadora, um sentimento de que algo de extraordinário ocorreu em São Miguel".